



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 1

CANOVAN, Margaret. **Hannah Arendt**: A Reinterpretation of Her Political Thought. New York: Cambridge, 1992, p. 219: *"Her first point is that the particular kind of relationship and institution that centuries of Western tradition knew as "authority" is not by any means a universal human phenomenon, but was something that came into being in a particular time and place, in ancient Rome."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 2

KLUSMEYER, Douglas B. Hannah Arendt on authority and tradition. In HAYDEN, Patrick (org.). **Hannah Arendt: Key Concepts**. New York: Acumen, 2014, p. 211: *"While Arendt's analysis of the loss of tradition and authority may be described as modernist as a broad intellectual characterization, it stemmed most immediately from her encounter with totalitarianism."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 3

BENHABIB, Seyla. **The Reluctant Modernism of Hannah Arendt.** Oxford: Rowman & Littlefield, 2003, p. 94: *"Arendt's account of the "rise of the social" and the decline of the public space of politics under conditions of modernity must be reread in light of this methodology of "fragmentary historiography" or "storytelling"."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 4

LALANDE, Andre. **Vocabulaire Technique et Critique de la philosophie**. Paris: PUF, p.1192: "*Véracité, D. Wahraftigkeit (plus large, peut signifier aussi vérité); - E. Veracity, truthfulness; - I. Veracità. Caractère de celui qui n'est pas trompeur. - Spécialement, <la véracité divine>, dans le système de Descartes: attribut de Dieu, qui garantit la vérité de notre connaissance des choses matérielles (6^o Méditation, 9 et suiv.) et même, dans une certaine mesure, le critérium des idées claires et distinctes (Méthode, IV, 7-8; 4^a Méditation, 17). Remarque: Véracité a toujours un import moral, et par suite ne se dit correctement que des personnes. Ce mot ne doit donc jamais être appliqué à la vérité d'une proposition, d'une théorie, ou même d'un témoignage, à moins qu'il ne soit considéré en tant qu'acte de celui qui le fournit. Voir l'exemple de Voltaire cité par Littré. Leibniz signale un sens un peu différent, qu'il semble d'ailleurs ne pas adopter: < La vérité morale (qui consiste, comme il vient de le dire d'après Locke, à parler des choses selon la persuasion de notre esprit), est appelée véracité par quelques-uns...>*".

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 5

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 45 e 46: *"Na filosofia de Marx, que não virou Hegel de cabeça para baixo tanto assim, mas inverteu a tradicional hierarquia entre pensamento e ação, contemplação e trabalho, e Filosofia e Política, o início feito por Platão e Aristóteles demonstra sua vitalidade, ao conduzir Marx a afirmações flagrantemente contraditórias, principalmente na parte de seus ensinamentos usualmente chamada utópica."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 6

ARISTÓTELES. **A Política**. 2 ed.. São Paulo: Edipro, 2009, p. 91: *"O que há de verdadeiro é que não é preciso elevar ao grau de cidadãos aqueles dos quais a cidade necessita para existir. Assim as crianças não serão cidadãos do mesmo modo que homens feitos; estes o são em um sentido absoluto, aquelas em esperança. Sem dúvida são cidadãos, mas imperfeitamente. Também, nos tempos antigos, certos povos consideravam os artesãos como escravos ou estrangeiros, e é por isso que ainda hoje a maior parte dos artesãos como tais é considerada. O que há de certo é que a cidade modelo não deverá jamais admitir o artesão no número dos seus cidadãos. Se não o admitir, então será possível dizer que a virtude política de que falamos não pertence a todo o cidadão, mas somente ao homem livre - e sim dir-se-á que ela pertence a todos aqueles que não têm necessidade de trabalhar para viver."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 7

MURRAY, Andrew. Freedom and Nature in Aristotle's Politics. In **The Biennial Conference in Philosophy, Religion and Culture - God, Freedom and Nature**, 3-5 October, Catholic Institute of Sydney, 2008, p.1: *"I take to indicate the primary sense of freedom in the Politics. Those who are capable are able to become free from servitude, which means free from being subject to a master and also free from labouring for the necessities of life. Those who gain this freedom are called citizens and find a life outside the household and village, a life that enables them to engage with persons who are not family members or servants but who are similarly free. It is a life in which citizens are able to participate in moulding their own futures and the future and well-being of the community."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 8

GARVER, Eugene. **Aristotle's Politics**: Living Well and Living Together. Chicago: University of Chicago, 2011, p. 23: *"While economic self-sufficiency leads to political self-sufficiency, it is only a necessary condition for political self-sufficiency. If one thinks that all you need for political self-sufficiency. If one thinks that all you need for political autonomy is economic autarchy, one is no longer in a position to criticize slavishness and the life of endless acquisition. Economic self-sufficiency does not seem difficult to achieve, while political life, being the most fulfilling kind of life, is also rare."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 9

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 50: *"O trabalho era para os gregos, essencialmente, um negócio apolítico e privado, mas a violência era relacionada a um contato, e o estabelecia, conquanto negativamente, com outros homens. A glorificação da violência por Marx continha portanto a mais específica negação do 'lógos', do discurso, a forma de relacionamento que lhe é diametralmente oposta e, tradicionalmente, a mais humana. A teoria das superestruturas ideológicas, de Marx, assenta-se, em última instância, em sua hostilidade antitradicional ao discurso e na concomitante glorificação da violência."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 10

CROME, Keith. Plato and the Institution of Philosophy. In Richmond **Journal of Philosophy**, n.2, Autumm, 2002 p.3: *"Plato sees that at bottom genuine knowledge of the world can only be attained if we first of all understand what we are, and on that basis the way in which we relate to the world. How we think of ourselves, or just as significantly, what we unreflectively presume about ourselves, is so fundamental that it conditions how we understand our particular experiences, and so what we accept as facts about the world. It is only if we dispose ourselves towards a genuine self-knowledge can we genuinely grasp anything about the world."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 11

CORNFORD, Francis M. . **Plato's Cosmology**. Indiana: Routledge, 1997,p.355: *"Such a life as this, however, is higher than the measure of humanity; not in virtue of his humanity will man lead this life, but in virtue of something within him that is divine; and by as much as this something is superior to his composite nature, by so much is its activity superior to the rest of virtue. If, then, reason is divine in comparison with human life. We ought not to listen to those who exhort man to keep to man's thoughts, or a mortal to the thoughts of morality, but, so far as may be, to achieve immortality and do what man may to live according to the highest thing that is in him; for little though it be in bulk, in power and worth it is far above all the rest."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 12

PRADEAU, Jean-François. **História da Filosofia**. Alfragide: Dom Quixote, 2010, p.36: "Platão propôs a hipótese da existência de realidades intangíveis, simultaneamente distintas das coisas sensíveis e em relação com estas. Não se trata, no caso, de um gesto paradoxal destinado a fazer crer que seria possível a um pequeno número de privilegiados refugiarem-se num alhures ideal; ela explica em que é que este mundo, onde tudo está em constante mudança, oferece não obstante suficiente permanência e estabilidade para que o homem o possa conhecer, falar dele e agir nele. Convencido de que essa estabilidade e essa permanência não se poderiam encontrar no sensível, Platão declarou que deveria existir uma realidade de outro tipo que respondesse a tais exigências, e que explicasse porque, em toda essa mudança, há algo que não muda."

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 13

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 52: "*Nossa tradição de pensamento político começou quando Platão descobriu que, de alguma forma, é inerente à experiência filosófica repelir o mundo ordinário dos negócios humanos; ela terminou quando nada restou dessa experiência senão a oposição entre pensar e agir, que privando o pensamento de realidade e a ação de sentido, torna a ambos sem significado.*".

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 14

GILLESPIE, Stuart - HARDIE, Philip. **The Cambridge Companion to Lucretius**. Cambridge: Cambridge, 2007, p.29: *“Lucretius borrows the Greek idea and the Greek word for only as long as is necessary to demonstrate its misconception. Once this is completed, the word and the idea can be returned. He even goes so far as to recommend repatriation: it should be returned to the home of the Muses on the Greek Mount Helicon (3.132). It has no place in psychology and Lucretius has no further need for it in his Latin poem.”*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 15

KLUSMEYER, Douglas B. Hannah Arendt on authority and tradition. In HAYDEN, Patrick (org.). **Hannah Arendt: Key Concepts**. New York: Acumen, 2014, p. 212: "*For Arendt the classical Greek polis stands out as an historical exemplar for exploring the radical contingency, expressive quality and relational character of human action that is central to this political experience.*"

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 16

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 53. Cf., p. 79: *"Par contre dans la discussion sur la vertu qui connut une floraison de courte durée durant la Renaissance et dont on trouve encore des retombées jusqu'à la fin du XVIII siècle, l'intérêt personnel est subordonné au bien commun, car c'est à celui-ci que l'individu doit son bien-être. C'est pourquoi, à l'opposé de ce que dit la compréhension libérale, les droits de cet individu découlent de ses devoirs, il n'a besoin d'aucun Souverain qui tienne en bride ses tendances destructives. Au contraire des droits de participation importants sont accordés aux individus pour que puissent être remplis les devoirs concernant le bien commun."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 17

KLUSMEYER, Douglas B. Hannah Arendt on authority and tradition. In HAYDEN, Patrick (org.). **Hannah Arendt: Key Concepts**. New York: Acumen, 2014, p. 214: *"For Arendt the disintegration of the tradition and authority are two defining characteristics of this crisis, so understanding the roles that they played in the past is essential to coming to terms with the crisis in the present. Given her bleak assessment of the present and her refusal to take flight into a utopian vision of future, returning to a fragmentary past to search for whatever resources may be available for thinking today is one of the few paths that remain open."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 18

BENHABIB, Seyla. **The Reluctant Modernism of Hannah Arendt.** Oxford: Rowman & Littlefield, 2000, p. 91: *"The events of the twentieth century, however, have created a "gap" between past and future of such a magnitude that the pas, while still present, is fragmented and can no longer be told as a unified narrative."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 19

HERZOG, Annabel. **Hannah Arendt**: totalitarismo et banalité du mal. Paris: PUF, 2011, p. 118: *"Il est désormais clair que la crise est le symptôme de la dissolution de la tradition. L'impossibilité d'agir tient au fait que les jugements font défaut, et les jugements font défaut parce que la relation au passé - à une tradition politique commune- qui permettrait la <<visite>> des opinions d'autrui a été brisée. La crise est donc l'expression d'une distance apparemment insurmontable entre la tradition et le besoin de transformation. Elle est un moment dans lequel le collectif ne sait plus sur quoi se fonder pour agir. C'est à ce moment précis que les systèmes totalitaires émergent, en remplaçant la tradition et l'action par l'idéologie et la terreur."*

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 20

KLUSMEYER, Douglas B. Hannah Arendt on authority and tradition. In HAYDEN, Patrick (org.). **Hannah Arendt**: Key Concepts. New York: Acumen, 2014, p. 213: *"For Arendt this conception of history reaches its apogee with Hegel, who through his dialectical method was able to integrate all of the breaks, contradictions and divergent movements of this process into an abstract system. His approach not only relativized all the concrete particulars of human history into mere transitory expressions of the system's evolution, but also displaced tradition with a new rational conceptual framework that ascribes ultimate authority to the progressive unfolding of the World Spirit that is only comprehensible from a perspective outside tradition."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 21

TASSIN, Etienne. **Hannah Arendt**: L'Humaine Condition Politique. Paris: Harmattan, 2001, p. 64: "*Dans sa tentative de surmonter le doute cartésien, Kierkegaard avait totalement entraîné celui-ci dans la foi; avec toute sa critique du suprasensible (...)*".

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 22

ZUCKERT, Catherine. Nietzsche's Rereading of Plato. In **Political Theory**. Vol. 13. N. 2 (May, 1985), p. 213: *"Nietzsche's rereading of Plato is thus important, first, because it raises questions about the adequacy of the traditional understanding of philosophy and its historical development. Nietzsche would lead us to read not only Plato himself but all of Plato's successors in a most untraditional way. Second, Nietzsche's reinterpretation of Platonic philosophy brings the affirmative conclusion of his own reinterpretation of Western philosophy to the fore and makes it more concrete."*

ANOTAÇÕES:



TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 23

TASSIN, Etienne. **Hannah Arendt**: L'Humaine Condition Politique. Paris: Harmattan, 2001, p. 64: " (...), Nietzsche avait tout à la fois ôté son sens au sensible, et, par sa tentative de laisser derrière soi la philosophie au profit de la politique, (...)".

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 24

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Principes de la Philosophie du droit.** Paris: Flammarion, 1999, p. 388: "*L'élément de l'existence de l'Esprit universel, qui est, sans l'art, l'intuition et l'image, dans la religion, le sentiment et la représentation, dans l'histoire du monde l'effectivité spirituelle dans toute son extension en matière d'intériorité et d'extériorité. Elle est un tribunal parce que l'élément particulier, à savoir les Pénates, la société civile bourgeoise et les Esprits des peuples dans leur effectivité bigarrée, n'est dans son universalité étant en et-pour-soi qu'à titre d'élément idéal, et que le mouvement de l'Esprit dans cet élément est d'en faire la présentation. L'histoire du monde est, en outre, non le simple tribunal de la puissance de l'Esprit universel, c'est-à-dire la nécessité abstraite et sans raison d'un destin aveugle, mais parce que l'Esprit universel est en-et-pour-soi Raison, et que l'être-pour-soi de la raison est savoir dans l'Esprit, l'histoire mondiale est le développement, nécessaire à partir du concept de la seule liberté de l'Esprit, des moments de la raison et donc de sa conscience de soi et de sa liberté, - l'interprétation et la réalisation effective de l'Esprit universel.*"

ANOTAÇÕES:

TRADIÇÃO

HANNAH ARENDT

CITAÇÃO 25

KERVÉGAN, Jean - François - MARMASSE, Gilles. **Hegel pensador do direito**. Paris: CNRS, 2004, p. 263: " *August von Cieskowski, l'un des premiers disciples de Hegel, se croit autorisé à un donner une explication théologique: <<Tout comme l'histoire universelle est le tribunal du monde, Dieu, pour sa part, est le juge de l'histoire universelle>>. Marx l'interprète en un sens opposé quand il déclare, en conclusion d'un discours à Londres le 14 avril 1856, qu'<< aujourd'hui la croix rouge mystérieuse marque toutes les maisons d'Europe. L'histoire elle-même rend la justice et le prolétariat exécute la sentence>>, Dilthey en propose une lecture proche du relativisme historiciste, selon lequel <<l' histoire mondiale, comme tribunal du monde, démontre que tous les systèmes métaphysiques sont relatifs, provisoires, et caducs>>.*

ANOTAÇÕES: